



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A M I G O S

Por MANUEL VIEIRA CLARO

Desenhos de A. CASTANÉ



QUEM entrasse áquelas horas no palacete do rico proprietário Santos, precisava duma certa cautela, pois que, a cada instante, se podia esbarrar com os inúmeros criados, médicos... que atravessavam em tódos os sentidos e com grande precipitação, os largos e compridos corredores do grande e belo palacete, circundado em toda a volta por um perfeito mar de frondosas árvores que, no verão, pareciam querer juntar, o mais possível, os seus folhosos ramos, para impedir que o mais pequeno raio de sol, não pudesse ir ferir, com as suas flechas de fogo, as belas flores que, á sombra das suas copas, se escondiam, constituindo o mais belo jardim que existir podia.

Realizara-se a maior aspiração do rico proprietário! O pedido que, a todas as horas e instantes, fazia a Deus, fora finalmente atendido. Ter um filho a quem mais tarde pudesse legar toda a sua enorme fortuna,

Áquella mesma hora, num pequeno barracão que existia a um canto do enorme jardim, expirava a mulher do pobre jardineiro João, apenas cercada por este, por um médico do Montepio e por uma velhota que tentava fazer calar uma criança recém-nascida.

— Pobre homem! Vejo que já não são necessários os meus serviços, nada mais tendo a fazer do que retirar-me. Conforme se com a sorte que Deus lhe deu e procure fazer daquela criança um homem que, mais tarde, seja prestável á sua Pátria!

Apenas um leve murmúrio, que mais parecia uma oração, foi a resposta do jardineiro que, encostado a um canto da cabana, conservava a cara escondida entre as mãos, parecendo, pela maneira como estava curvado, que todas as forças eram insuficientes para arrostarem com o peso de tamanha desgraça.

Decorreram seis anos.

Como os leitores já sabem, ambos tinham a mesma idade. Pedro era rico e Eduardo era pobre; aquele era filho do rico proprietário, este era filho do pobre jardineiro, não impedindo isso de ambos serem os melhores amigos, sendo impossível passar um sem a companhia do outro.

O proprietário, tendo conhecimento da coincidência do dia e hora do nascimento das duas crianças, consentira que seu filho brincasse com o filho do jardineiro.

Dava gosto ver uma das «cargas cerradas» que os dois faziam através das grandes alamedas do jardim!

Com uns capacetes de papel, encimados por uns penachos feitos de corda desfiada, um cinto de pano ao qual penduravam umas espadas feitas pelo velho jardineiro, e uns compridos paus a servirem de cavalos, nada parava com eles... ninguém lhes metia medo...

Mas aquelle céu aberto, teve que acabar um dia.

A escola chamava por eles.

Pedro foi para um dos melhores colégios da cidade e Eduardo foi para a única escola que existia na aldeia. Desde então, o viver de Eduardo foi completamente modificado.

Tomando amor ao estudo, levantava-se mal o sol era nascido e, até á hora do almoço, não fazia outra coisa que não fosse estudar, partindo em seguida para a

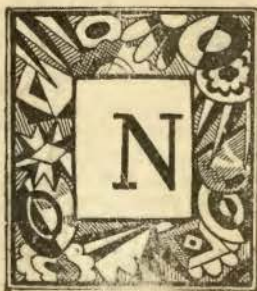


(Continua na pagina 4)



FANTAZIA . . .

Por **TAUZINHA**
Desenhos de **CATAÑÉ**



NANDA era a princezinha loura do Reino da Fantasia. Naquele país o céu era sempre azul e o sol sempre de ouro. Vivía num palácio de prata; as aias eram borboletas lindíssimas e os págens, canários que cantavam desde o romper do dia ao pôr do sol.

A princezinha era feliz; tudo quanto ambicionava tudo tinha.

O coração já o havia dado ao príncipe Lio do País Maravilhoso, mas a felicidade não dura sempre; o Rei Negro, do país da Escuridão, vendo a princezinha, apaixonou-se por ela e pediu-a em casamento. Nanda recusou; porém, delicada como era, disse-lhe que não poderia aceitar tão grande honra porque estava noiva do príncipe Lio. O



Rei Negro não gostou da resposta e jurou vingar-se.

Uma noite, estando Nanda, no seu varandim prateado; falando ao príncipe, tão entretidos estavam na conversa que não pressentiram a vinda a Rainha Maldita, uma terrível feiticeira, mãe do Rei Negro que fadou assim a princezinha:

— «Eu te fado para que sejas encerrada no Castelo do Fogo. Nanda desapareceu imediatamente».

Lio não sabia que fazer; olhava para todos os cantos, percorria os jardins acompanhado das lindas aias e dos págens mas nem sombra da princesa. Que havia de fazer?

Só quando o sol lhe dourou os lindos caracois, é que o príncipe viu que o dia já tinha nascido. Os págens já não cantavam, empoleirados às beiras dos ramos das árvores, onde se conservaram até o céu acender as suas estrelinhas.

O príncipe não sabia que fazer para recupe-



rar a noiva, quando ouviu duas borboletas, aias da princesa, falarem. Diziam assim:

— Sabes, Borboleta Dourada, vou hoje voar alto, muito alto, até ao céu, a-fim-de pedir protecção para a minha princezinha».

— «Tu?! Como o conseguirás Borboleta Branca?! As tuas azas são pequeninas, transparentes, tão leves que não podem alcançar o céu?!»

— «Verás! A vontade é força, querer é poder».

Mal escureceu, voou e, num abrir e fechar de olhos, chegou ao céu. Viu uma estrelinha muito brilhante, beijou-a e pediu-lhe que salvasse a princesa Nanda, para que a alegria reinasse outra vez no país da Fantasia.

A estrelinha sorriu e pediu-lhe que a trouxesse presa às asas. Lá desceram, então, muito agarradinhas; a borboleta vinha tão contente que não sentia o cansaço. Chamou o príncipe e apresentou-lhe a linda estrela; este, guiado por ela, foi

em demanda do Castelo do Fôgo. Chegaram ao portão à tardinha.

Lio pôs-se a espreitar, mas saía do portão tanto calor e fumo que nada via. Pensou em retroceder, mas aí! dali é que ele já não saía sem a princesa. A estrelinha, saltando-lhe da algibeira do casaco enfiou pela fechadura e, imediatamente, o Castelo do Fôgo desapareceu. Correndo para ele, Nanda logo o estreitou num grande abraço.

Quizeram agradecer à bondosa estrela, porém já ia tão alta que mal a divisavam.

Nessa noite a estrelinha brilhou mais e os canários cantaram hinos em louvôr da princezinha.

Efectuou-se, por fim, o casamento, sendo madrinha a Borboleta Branca.

A felicidade não mais deixou de reinar naquele país em que o sol é sempre de ouro e o céu é sempre azul...



F

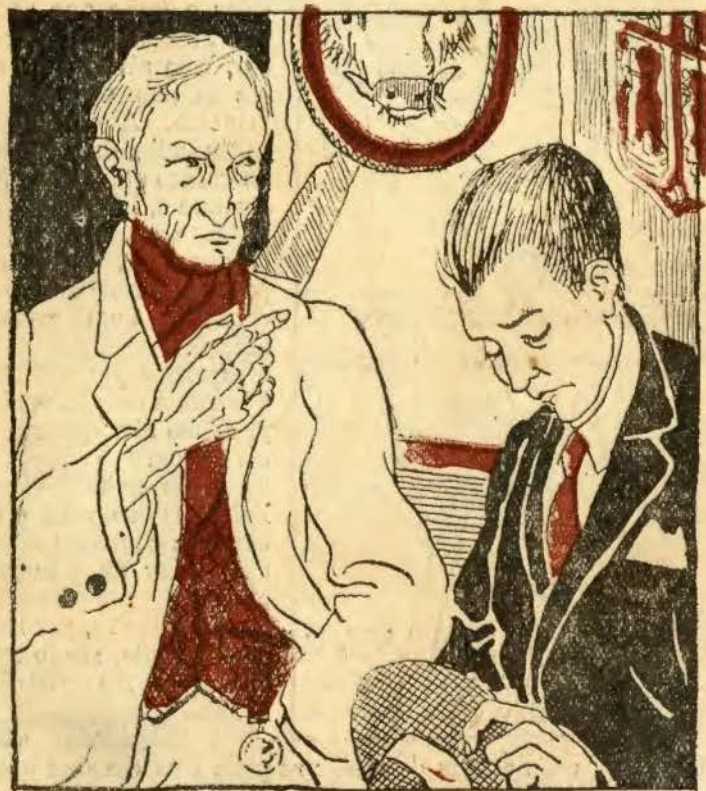
I

M

PARA OS MENINOS COLORIREM



escola onde era estimado pelo professor e seus companheiros. Entretanto, o pai de Pedro quasi não fazia outra coisa que não fosse receber avisos do Director do Colégio para onde mandára o filho, dando-lhe conhecimento do mau comportamento d'este.



— «O meu filho, ou é estúpido, ou não sai a mim!» dizia o rico proprietário.

Chegou o fim do curso e, com elle, uma re-provação para Pedro, e uma distincção para o filho do jardineiro.

No primeiro encontro que tiveram, começou Eduardo a compreender a grande differença de classe que existia entre si e o seu companheiro de infância, para o que muito contribuia o tolo orgulho de Pedro, o qual fazia todos os possiveis para não acompanhar com um rapaz pobre como era o filho do seu jardineiro. Mas, mesmo assim, não podia impedir de se encontrar várias vezes com Eduardo.

— Mal tu calculas — dizia-lhe o filho do proprietário — o que era o meu colégio! All só entra gente decente e com educação, como eu! Se por acaso tu lá tentasses entrar um dia — que não tentas! — eras posto fóra, por indecente e má figura! Para lá, só entram filhos de gente rica, como eu!

Eduardo comparava o seu fato ao de Pedro e olhando para as suas alparcatas, que nem de longe se poderiam comparar aos sapatos de poli-rento do seu antigo amigo, nada dizia mas não por vergonha de ser pobre, que a não tinha!

Andando o proprietário a dar um passeio pelo belo jardim, do qual tinha um grande orgulho em ser o dono, parou junto do jardineiro que, descansando do trabalho do dia, se encontrava sentado á porta da sua pobre cabana, fumando num comprido cachimbo.

Já falavam, a alguns minutos, a respeito de modificações a fazer num canteiro, quando o proprietário, olhando para

dentro da cabana, viu o filho do jardineiro, debruçado sobre uma pequena mesa, tendo na sua frente um livro aberto que parecia estar lendo com enorme attenção.

— «Que diabo fazes tu a teu filho, para que elle tanto estude?» perguntou o patrão de João.

— «Saiba V. Ex.^a que não faço nada! Elle se estuda, é porque quer, porque tem vontade, porque... pensa no futuro!» respondeu o velho jardineiro com uma certa pontinha de orgulho.

— «Mas porque motivo, tendo eu mandado meu filho para um dos melhores colégios da cidade, não conseguí que elle estudasse enquanto tu...»

— «Se o filho de V. Ex.^a não estudou, é porque...»

— «... E' burro! queres tu dizer?!»

— «Peço perdão, mas não era tenção minha...»

— «Basta! Não é necessário mais nada. Eu saberei dar a correcção devida áquele tratante!»

E, dizendo isto, voltou as costas ao jardineiro que ficara um tanto embasbacado, e encaminhou-se a largos passos para a sua residência.

Atravessando, como um furacão os longos corredores, dirigiu-se ao quarto do filho, notando-se, logo á primeira vista, que não eram das melhores as suas intenções.

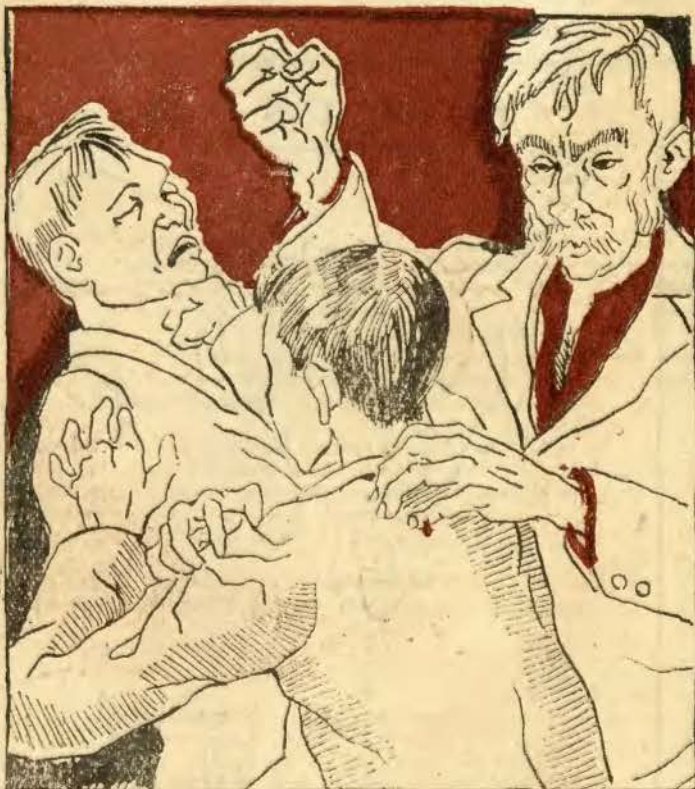
Mas, mal deparou com aquelle que tantos anos desejara, e que Deus fizera a esmola de lhe dar, a sua mudança foi completa.

— «Que aconteceu, meu pai?» perguntou Pedro um tanto admirado da rápida entrada de seu pai no quarto?»

— «Dize-me uma coisa: Tu és burro?»

— «Não sei se assim se pode chamar a um filho seu, meu pai! Mas qual o motivo porque assim me interroga?»

— «Nenhum... ou antes, disseram-me, agora, uma coisa... eu logo conto-te...»



Dizendo isto, saiu, sem dar tempo a que o filho lhe fizesse mais perguntas.

Já no corredor, dirigindo-se para o seu escritório, pensava: «o patrão do rapaz, ainda não é tão estúpido como julgava.»



Entretanto, Pedro tanto puxou pela cabeça, que veio a tirar a conclusão de que não poderia ter sido outro, senão o filho do jardineiro, quem dissera aquilo a seu pai. Enterrou o chapéu até aos olhos e, safando de repelão, dirigiu-se a casa de Eduardo.

Este continuava, como sempre, agarrado aos livros, enquanto seu pai, a um canto, o contemplava enlevado.

De repente, a porta da cabana abriu-se e Pedro, vermelho de cólera, entrou, dirigindo-se a Eduardo, nem sequer reparando no bom velho, que, assombrado, contemplava a scêna que se lhe deparava.

— «Cão! Invejoso! Que esperavas tu lucrar quando disseste a meu pai que eu não passava dum burro?! Cafr-lhe nas boas graças? Esperar receber uma gorjeta? Pois bem. Ele não te deu nada mas ... aí tens agora!...»

E, antes que Eduardo se pudesse defender, deu-lhe uma bofetada que o fez cair redondamente no chão.

Um rugido, que mais parecia ter saído da garganta de uma fera, ao sentir a presença do caçador que a há-de matar, do que da garganta dum homem, foi a resposta, e o velho jardineiro, num salto, que a um ginasta seria difícil dar, atirou-se sobre aquele que ousara bater em seu filho, e, depois de o agarrar pelo pescoço, atirou-o ao chão, pondo-lhe um joelho sobre o peito.

Eduardo, vendo que a ira de seu pai, podia—quem sabe!—levá-lo ao cometimento de um crime, levantou-se, ainda um pouco atordoado, e, agarrando-se ao jardineiro, e empregando todas as suas forças, conseguiu que êle deixasse a sua presa, à qual já via chegados os seus últimos momentos.

— «Meu pai! Pense no que faz! Ele é quem manda, e a nós só nos cumpre obedecer. Ele é patrão e nós somos criados!»

— «Criados, sim; mas não escravos, para que, entrando em nossa casa, nos venham esbofetear!... retorquiu o velho, espumando pela bôca».

— «Lembre-se, meu pai que, de hoje para amanhã, podemos ser despedidos, e depois... maior miséria... a fome...»

— «Saia! Saia, ou não sei o que farei!...»

E João, apontando a porta ao filho do seu patrão, parecia deitar chispas de fogo pelos olhos.

Pedro, ao encontrar-se cá fóra, respirou fundo e, estendendo o punho cerrado e ameaçadoramente para a cabana, disse:

— «Haveis de mas pagar bem pagas, malditos pobretões!»

Como era de esperar, no dia seguinte, foram despedidos. O pobre jardineiro ofereceu, em várias pontos, os seus serviços, mas ninguém se quiz servir dêles, por verem que, além de ser velho, não possuía nenhuma carta que o recomendasse, pois o pai de Pedro, negara-se a passá-la.

As fracas economias que possuíam, foram-se acabando, e a fome começou a espreitar os dois infelizes.

Eduardo começava a desesperar-se por não ter aprendido uma arte qualquer, com que agora pudesse socorrer seu velho pai.

Mas nunca deixou de estudar.

LISBOA, 1930. — Nove horas da manhã. Um polícia procurava conduzir com bons modos, um pobre homem, tão rôto, que parecia chorar, pois quem se afirmasse um pouco notaria que, entre a barba, um pouco crescida, se viam uns pequenos pontos brilhantes, lágrimas. Os olhos mal se viam, encobertos pelo chapéu, do qual pouco mais existia do que as largas abas derrubadas. O rapazão começava a juntar-se, atraído por aquele espectáculo que parecia interessá-lo.

O polícia vendo que por boas maneiras, nada conseguia, começou a empregar uma certa violência para o fazer dar alguns passos, pois o desgraçado negava-se a acompanhá-lo.

Começava o cívico a desesperar-se, quando um jóven oficial, que vinha a dobrar uma esquina, vendo aquela scêna, se aproximou.

O guarda, ao ver um seu superior, perfilou-se, largando por momentos o mendigo, e fez a continência.

— «Quem é esse homem?» perguntou o oficial.

— «Um vadio que encontrei a dormir num banco da Avenida, meu tenente».

— «Para onde o leva?»

— «A' esquadra mais próxima, meu tenente».

O oficial, pareceu comover-se com o destino daquele desgraçado, que não ousava levantar os olhos, talvez com vergonha!

— «Onde mora?» perguntou o oficial, dirigindo-se ao infeliz.

A esta pergunta, talvez admirado por ver uma pessoa que se interessava por êle, o vagabundo levantou a cabeça.

Ouviram-se, então, dois gritos:

— «Eduardo!»

— «Pedro!»

E, ante o olhar espantado de todos os que assistiam áquela scena, o official abraçou aquelle que ainda há pouco vinha aos encontrões, na frente de um policia.

A principio o vagabundo tentou esquivar-se ao abraço do official, e todos os que estavam mais próximos, o ouviram pronunciar, entre lágrimas:

— Deixa-me Eduardo... nada mereço... fui um bandido!...

Mas o official parecia nada ouvir, e, dirigindo-se ao policia, que, um tanto embasbacado, se conservava a uma certa distancia, disse:

— «Pode retirar-se. De hoje para o futuro, responsabilizo-me pela conduta deste homem!»

— «A's suas ordens, meu tenente. Disponha sempre do 39!»

Eduardo, pois não era outro o official, chamou um taxi, e, depois de subir com o vagabundo, no qual o leitor, por certo, já descobriu Pedro, o antigo companheiro de Eduardo a quem tanto mal fizera, deu a direcção de sua casa ao «chauffeur».

Como a distancia a percorrer, ainda fôsse um tanto grande, Eduardo pediu a Pedro que este, que elle deixara rico, em véspera de herdar uma enorme fortuna, lhe explicasse a razão porque o vinha encontrar na frente dum policia, preso como vadio.

— «Sim, a ti digo-te tudo, porque és o meu unico amigo, um amigo verdadeiro! Ouve!»

Meu pai, como sabes, dava-me todas as liberdades. Abusando dessas liberdades, comecei a frequentar o jogo, onde não faltava todos os dias, embora saísse sempre sem dez réis na algibeira, pois nem uma unica vez a sorte me favoreceu. Não me chegando já o dinheiro que meu pai me dava, tirava-lhe outro, sem que elle o notasse. Mal pensava que, roubando meu pai, me roubava a mim próprio! Meu pai, já bastante idoso, morreu; e quando me preparava, passados dias, para receber a fortuna legada por

meu pai, fui informado, com grande espanto meu, de que, da enorme fortuna, apenas existia o palacete, que, depois de vendido, mal chegou para pagar as dividas feitas por mim. Vi-me dum instante para o outro, em completa miséria. Vim para Lisboa, na esperança de governar a minha vida, trabalhando; mas a sorte mais uma vez não quiz. O resto, é fácil de adivinhar!—abandonado por todos, comecei a sentir a fome... a miséria...»

Quando concluiu, as lágrimas, saltando dos olhos dos dois velhos amigos, corriam pelas faces, indo caír sobre as mãos de ambos, que se conservavam agarradas, como um laço que selasse uma amizade eterna.

Quando conseguiu serenar um pouco, Eduardo explicou, por sua vez, como conseguira adquirir no exercito, o posto que agora possuia.

Tendo entrado para a vida militar como voluntário, pois ainda não tinha a idade sufficiente, nunca deixando de estudar, pensando no belo futuro que podia vir a ter, se sempre assim procedesse, era agora tenente de infantaria com vinte e quatro anos de idade.

Chegaram, finalmente, ao seu destino.

Eduardo, depois de dar ao seu amigo um dos seus fatos, sentou-se com elle á mesa para almoçar.

— «Pedro! De hoje para o futuro, nada te faltará! Arranjar-te-hei um emprego decente... mas... Que tens Pedro? Parece-me que não estás descançado!...»

Pedro ainda não havia tocado na comida, que uma velha criada tinha pôsto em cima da mesa, parecendo pouco sossegado.

— «Não é nada... a comoção de ter encontrado... Mas... mas... Eduardo! Onde está teu pai?»

— «Agora percebo! Podes estar descançado. Meu pobre pai morreu pouco tempo depois de ter saído de tua casa. Mas, vivo que fôsse, tenho a certeza que te perdoaria... como eu te perdoo, meu querido Pedro, meu querido amigo!»

E os dois amigos, chorando como crianças, caíram nos braços um do outro.



HORA DE RECREIO

Solução dos problemas anteriores

m
a
na

l
mi
om
h
amo

U	M		
E			
N	o		
I			
a	N	a	
x	o	m	a

Solução

INGLES

Arminio Gonçalves - Braga - 12 de - 1930

Chassis

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS

HORISONTALMENTE

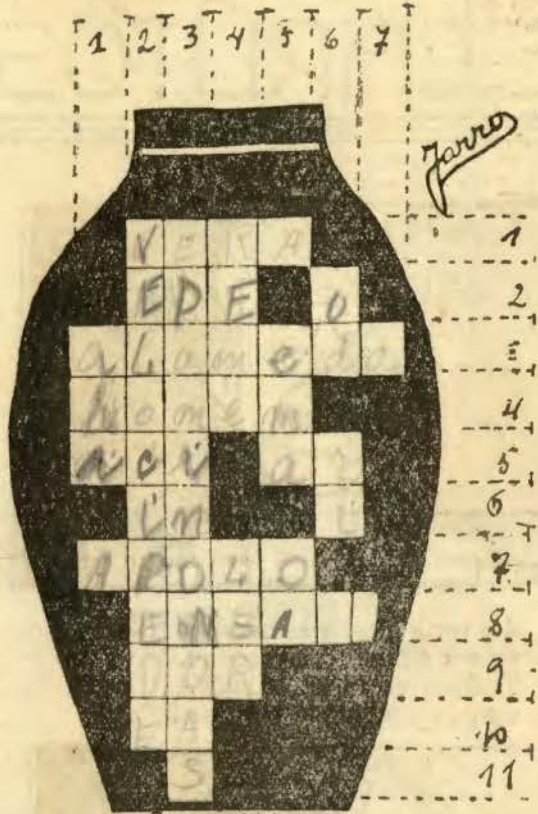
1, nome de mulher. 2, vogal; parte do corpo; artigo. 3, rua de árvores. 4, ente pertencente ao sexo masculino. 5, palavra francesa; indispensável à vida. 6, palavra inglesa; vogal. 7, nome dum teatro de Lisboa. 8, poligno de nove lados. 9, três consoantes. 10, duas vogais. 11, consoante.

VERTICALMENTE

1, advérbio de lugar, escrito em português arcaico; vogal. 2, que corre muito. 3, nome de homem. 4, forma de verbo; verbo. 5, vogal; nome feminino; duas vogais. 6, palavra latina; forma de verbo; consoante. 7, vogal; vogal.

HORISONTALMENTE

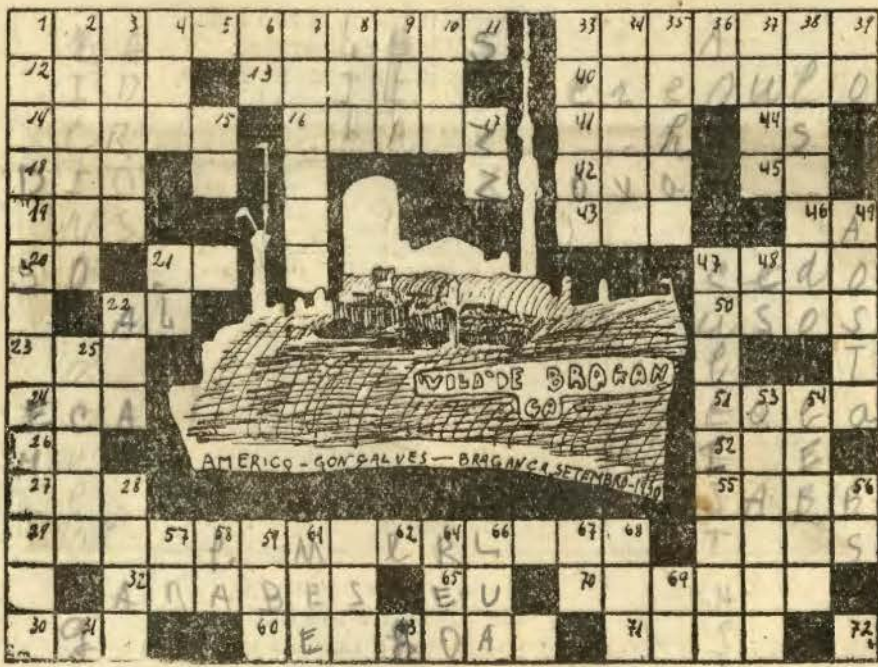
1, cadeia de ilhas e lhotas entre 8. Vicente e Granada. 12, páteo. 13, suarda, que se extrai da lá. 14, vagem, na base do peciolo de algumas plantas de folhas alternas. 15, escritor português. 16, estado da Índia portuguesa. 19, cidade da Austría. 20, livro de poesias de Antonio Nobre. 21, parecnça. 22, artigo definido, arábico. 23, vila do concelho de Alcobaca (Leiria). 24, escritor português. 26, cordilheira de Portugal (Faro). 27, rei de Israel. 29, condado de Inglaterra. 39, vila de Condeixa a Nova (Coimbra). 32, povo nómada, de raça berbere, que habita o Sahará. 33, nome antigo do Pó. 40, índios do Brasil; são de cor clara e excessivamente indolentes. 41, nota musical, seguida de uma consoante que precedida de um p sóa como f. 42, corpo organico que se forma nas fêmeas de muitas classes de animais e que contem o germe de um animal da mesma espécie. 43, vasta e extensa cordilheira que percorre o litoral do Brasil. 44, artigo (plural). 45, em vez de chá. 46, nome que os egípcios dão ao -ol. 47, antes da occasião própria. 50, praticas consagradas. 51, habitação de índios na América do Sul. 52, insípido. 55, o mesmo que -AB... 60, um dos vinte estados da República do Brasil. 65, aquilo que constitui a pessoa que fala. 70, cidade do México. 71, antiga cidade da Grécia, situada no Parnaso e consagrada a Baco. 72, emprega-se em termos derivados do grego e de certas linguas estrangeiras.



*Luís P. de Magalhães
Coimbra - 1925*

VERTICALME

1, segundo os preceitos da geodesia. 2, género do euphorbiaceas, cujas sementes produzem um óleo purgativo. 3, terreiros, em frente e às vezes, em volta da igreja. 4, patriarca hebreu. 5, indicativa de varias relações, de lugar onde. 6, ligação dos verbos auxiliares com infinito de outros verbos. 7, cidade da Mussia (Bessarabia à beira do Danubio). 9, filha mais velha de Labão, mulher de Jacob. 9, três consoantes. 10, três vogais. 11, decima quinta consoante do alfabeto português. 15, rio da França. 17, decima nona consoante do alfabeto português (dupla). 21, o mais. 22, rei de Judá. 25, instrumento munido de lentes para auxillar a vista. 28, cidade da Grécia. 31, quinta consoante do alfabeto português. 33, cidade de Inglaterra (condado de Surrey) afamada pelas suas águas minerais. 34, povoação do concelho de Castelo de Paiva (Aveiro). 35, humor purulento que escorre de certas úlceras. 36, contracção. 37, nome de dois heróis gregos da guerra de Troia. 38, registo de oração de bom nasal. 39, artigo (plural). 47, aqueles que praticam o cultismo. 48, quinta letra do alfabeto português e escrita no plural conforme se lê. 49, cidade da Italia, situada no vale da Aosta formada pelo rio Doria-Bal, afluente do Pó. 53, cordão ou correia com que se aperta qualquer peça de vestuário. 54, do verbo beber. 56, abreviatura de BOM (plural) 57, pronome pessoal. 58, do verbo haver. 59, larva que se cria nas feridas dos animais. 61, substancia açucarada. 62, liga às partes semelhantes de um discurso, os nomes de hora, de medida, a uma fracção da mesma hora ou medida, e entra na expressão dos numeros compostos. 63, quinta consoante do alfabeto português. 64, marca de automovel. 66, planeta. 67, lago da Africa na confluencia do Nilo com o Bahr-el-Ghazal. 68, quinto filho de Jacob. 69, o mesmo que xi...



America Gonçalves
(Bragança)

AS FÉRIAS DE CARLITOS



Vendo Toninho, o Carlitos,
entre chalaças e lérias,
brada, alegre, quasi aos gritos:
— «Toninho, já tenho férias!»

Ao ver a alegria louca,
do seu qu'rido companheiro,
Toninho escancara a bôca...
começa em grande berreiro!



Acodem logo os papás
a preguntarem: — «que foi,
porque é que choras, rapaz,
que aconteceu, que te doi?!...»

Surge, também, a avó Lola
que indaga da rabugice:
— «Se já andasses na escola,
dir-se-ia ser cabulice!»



Mas como inda lá não vais,
a razão quem a adivinha?!
— «Que tens tu?!» bradam os papás,
— «Que queres?!...» grita a avózinha.

Nisto, entre caretas sérias,
diz Toninho à avó e à mãe:
— «E' que o Carlitos tem férias
e eu quero férias também!»